

BEM-ESTAR ANIMAL NA CLÍNICA E CIRURGIA ANIMAL – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

FERREIRA, Gabriela¹; SILVA, Jéssica Deboni¹; KOLLING, Giovani Jacob²

INTRODUÇÃO

A complexidade da dor ultrapassa a fronteira física e é influenciada pelo meio ambiente e pela resposta psíquica do animal. Desta forma é considerada como um fenômeno biopsicossocial, que envolve os aspectos biológico, psíquico e social do indivíduo. Relaciona-se ao ambiente que o animal vive e às condições de tratamento do mesmo. O ponto crítico é como avaliar a dor em animais (LUNA, 2008).

Os procedimentos cosmiátricos e cirúrgicos têm aumentado consideravelmente e, conseqüentemente, também a busca de analgesia eficiente, rápida, segura e indolor. O agente anestésico tópico ideal é aquele que promove anestesia adequada em curto período de tempo e atua na pele íntegra sem induzir efeitos adversos sistêmicos, tópicos, ou desconforto. Tais propriedades farmacológicas são contempladas, ainda que parcialmente, nas preparações eutéticas e lipossomadas disponíveis comercialmente (JÚNIOR, 2011).

No mundo moderno, com a crescente expansão dos centros urbanos e conseqüente aumento da população canina, há atualmente, tanto no que se refere à saúde pública, quanto aos protetores de animais, uma busca de eficientes formas de controle populacional para racionalização do problema e contenção de zoonoses visando ao final uma perfeita integração entre os animais e seres humanos, não se esquecendo do bem estar animal (BARROS, 2010).

Apesar da evolução do ensino e do desenvolvimento de métodos alternativos, geralmente as práticas cirúrgicas são realizadas em animais vivos, que posteriormente, após a explanação ou treinamento da técnica operatória são submetidos à eutanásia. Todavia, mesmo sabendo que existe uma legislação vigente sobre condutas frente a essa situação, algumas instituições ainda ignoram a realidade e, continuam empregando animais em aulas práticas de cirurgia sem se preocuparem com o seu bem-estar (RODRIGUES, 2012).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nas últimas décadas, a utilização de animais em experimentos e no ensino de técnicas anestésicas e cirúrgicas tem suscitado vários questionamentos, principalmente com relação à possibilidade de sofrimento e também no que tange ao destino a ser dado aos mesmos no final da experimentação ou das práticas exigidas por alguns cursos de graduação e de pós-graduação. Em situações especiais, mormente as motivadas por razões humanitárias, à morte do animal não é contestada, assim como nos casos em que isso represente a obtenção de alimentos de origem animal. Em ambos os casos, os procedimentos a serem seguidos devem obedecer a critérios que suprimam o sofrimento animal (OLIVEIRA, ALVES e REZENDE, 2002).

¹ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Sul, Campus Vacaria.

² Professor do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Sul, Campus Vacaria. E-mail: giovanikolling@hotmail.com.

Restrição física ou química, com ou sem anestesia local, tem sido extensivamente utilizado para realizar os procedimentos cirúrgicos ou de diagnóstico. Contudo, técnicas anestésicas e analgésicas são necessárias para procedimentos de diagnóstico quando uma específica e dolorosa cirurgia está a ser realizada. Além de melhorar o bem estar animal, a anestesia e analgesia são essenciais para tornar os procedimentos mais fáceis e melhorar a segurança do pessoal e dos animais (GALATOS,2011).

A Ovariosalpingohisterectomia, juntamente com a posse responsável, é considerada o melhor método de controle populacional, pois evita o sacrifício em massa, previne doenças reprodutivas e neoplasia mamária. A técnica também minimiza o aparecimento de certas anomalias congênitas, endócrinas e dermatológicas (BARROS, 2010). As cirurgias de castração são procedimentos, geralmente, simples, porém, demandam um pleno conhecimento da anatomia e fisiologia do trato reprodutivo pois, a identificação precisa das estruturas envolvidas, bem como a correção de possíveis deformidades que possam existir é essencial para se conseguir o resultado esperado em qualquer procedimento cirúrgico (BARROS, 2010).

Há muito tempo se afirmou que a pré-medicação é raramente necessária e muitas vezes indesejável em pequenos ruminantes, pois pode aumentar a incidência de regurgitação e prolongar a recuperação. No entanto, a pré-medicação torna o manuseio e indução dos animais intratáveis mais seguras, reduz grandemente as exigências de anestésicos e, assim, a incidência e a intensidade de quaisquer efeitos adversos, fornece analgesia preventiva, e suaviza a recuperação. (GALATOS, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bem-estar dos animais deve ser prioridade em qualquer situação, principalmente em clínicas e cirurgias veterinárias. Processos desumanos e que proporcionam condições indevidas aos animais, não se enquadrando nas normas de bem-estar animal, devem ser repensadas. É inquestionável o uso de métodos bruscos que violam a integridade animal, por isso a cada procedimento deve-se avaliar a sua necessidade, caso seja realmente necessário, aconselha-se que métodos humanitários sejam utilizados para realizar os procedimentos, sem causar qualquer tipo de dor ou desconforto animal.

PALAVRAS-CHAVE: Dor; Desconforto animal; Métodos humanitários; Sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMY, S. B. et al. Aspectos fundamentais na experimentação animal- aplicações em cirurgia experimental. Faculdade de medicina do estado de São Paulo. Revista Assoc. Med. Bras.2010. Edição 56. p. 103. São Paulo. 2010.

GALATOS, A. D. Anesthesia and Analgesia in Sheep and Goats. Department of Surgery, Faculty of Veterinary Medicine, University of Thessaly, Trikalon. 2011.

BARROS, P. M. Técnicas de Ovarios Alpingohisterectomia (OSH). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Unesp. Jocatibal-SP. 2010.

LUNA, S. P. L. Dor, senciência e bem estar em animais. Departamento de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia- Unesp. Campus de Botucatu- SP. Ciênc. vet. tróp., v. 11, p. 17-21. 2008.

OLIVEIRA, H.P.; ALVES, G. E. S.; REZENDE, C. M. F.; Eutanásia em medicina veterinária. Esc. Veterinária da UFMG – Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária. Belo Horizonte-MG. 2002.

JÚNIOR, I. B. Estudo comparativo entre escores de dor após uso de duas preparações de lidocaína tópica. Instituto Lauro de Souza Lima. São Paulo. 2011.

RODRIGUES, D. F. Novas expectativas para o ensino de cirurgia em medicina veterinária. Programa de pós-graduação em ciência animal. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2012.